

DEPOIMENTOS

I - A IMPORTÂNCIA DA INTER-AÇÃO NAS ESCOLAS

Se levarmos em consideração que o processo de comunicação é dinâmico e que os elementos que o compõem são interdependentes, teremos aí um bom motivo para refletir sobre como tem sido nossa prática de professores de português nas escolas. O “tornar comum” da comunicação vem sendo destruído. Aliás, tem acontecido uma dupla destruição: a do locutor e a do interlocutor que deixam de ser sujeitos no processo da comunicação para atuarem apenas como meros repetidores do discurso alheio. Dentre os vários conceitos de Concepção de Linguagem o que está ligado à Língua da Comunicação é o que nos leva diretamente à **interação**. É nessa concepção que deve estar centrado todo o compromisso do professor, pois a **interação** estabelece um vínculo professor-aluno-conteúdo de ensino.

A maioria dos trabalhos sobre produção de textos foge completamente da **interação** e a linguagem deixa de cumprir sua função. A escrita que já tem uma função artificializada, diferente da fala, passa a ser mais artificial ainda. A situação do aluno ao produzir um texto é quase sempre à revelia de sua vontade. Ele é obrigado a escrever sobre um assunto que não queria, no momento imposto pelo professor e com a grave preocupação de que será avaliado por seu depoimento. “Nessa redação não há um sujeito que diz, mas sim um aluno que devolve ao professor a palavra que lhe foi dita pela escola”.

O papel do professor deve ser o de **interlocutor** de seu aluno. Aquele que respeita sua palavra, mas contribui para o seu crescimento, levando-o a refletir, a questionar e conseqüentemente a descobrir. Professor e aluno são, então, co-autores das aulas ministradas. Não deixar o aluno onde ele está é inclusive uma maneira de fazê-lo mudar o seu discurso.

Nossas escolas têm sido, em sua grande maioria, escolas de “surdos-mudos”: professores ouvindo cada vez menos seus alunos, e alunos falando quase nada a seus professores. A grande conseqüência desse comportamento pode ser observada nos resultados dos vestibulares: milhares de alunos sendo reprovados, justamente no momento em que precisavam se fazer presentes num texto escrito.

Todos concordam que o problema existe, que algo precisa ser feito imediatamente, porém, o caminho a ser tomado ainda é duvidoso para muitos. “Diagnosticar é fácil; difícil é receitar o remédio correto”.

Já vimos que o tempo que o aluno passou na escola não foi suficiente para que ele soubesse redigir ou se expressar. (Será mesmo?) Provavelmente esse aluno passou o tempo todo tendo aulas de metalinguagem. Seu professor não foi capaz de compreender que todos nós temos uma gramática implícita e vários são os caminhos que nos levam a usar as regras da nossa gramática internalizada. Nosso velho e saudoso mestre Carlos Drummond de Andrade foi sábio ao dizer que **amar se aprende amando**. Pois é. Escrever e ler se aprende escrevendo e lendo e não decorando regras de como ler e escrever.

O compromisso do professor de português com seus alunos deve ser o de levá-lo a construir o conhecimento, pois o saber não se apresenta pronto; o saber precisa ser construído. “Ser culto não é ter respostas prontas, é ter perguntas para fazer”. (Geraldini).

Numa produção de textos devemos ter em mente três aspectos: **O que** escrever; **Para quem** escrever; **Para que** escrever. Em outras palavras: o aluno deve ter o **que** di-

zer (assunto); deve ter **razões para dizer** (motivo); deve ter **para quem dizer** (interlocutor); deve saber **para que ou por que dizer** (memória) e finalmente deve **escolher estratégias** para dizer. A ação do professor de português deverá estar voltada para todos os aspectos acima, porém a sua especificidade, com relação ao ensino na Língua Padrão deverá estar ligada à escolha das estratégias, onde ele funcionará como agente de transformação. Agora só resta traçar um projeto e torná-lo comum. Os alunos saberão que seus textos não terão apenas o caminho professor-aluno, mas, sendo parte de um projeto comum, servirá a todos. Partindo desse princípio, todos se empenharão na escrita e na conseqüente reescrita, onde serão detectados os problemas e feita a análise lingüística. Assim, o professor terá feito uma reflexão juntamente com os alunos, partindo do coletivo para o individual e chegando ao produto final que é obra de todos.

Como vimos "a prática de produção de texto não é um dever, mas um direito" e oportunizar aos alunos a **interlocução**, não vivenciada na escola, deve ser o objetivo de todo professor, numa tentativa de resgatar o sujeito nesse processo tão bonito que é a comunicação.

Nair Ferreira Gurgel do Amaral